

Quem radicaliza, Figueiredo?

Os oposicionistas não gostaram das críticas ao comício de Goiânia e devolveram a acusação. Mas elogiaram as garantias democráticas do presidente.

Reações ao discurso em que o presidente Figueiredo garantiu a posse do eleito em 15 de janeiro, mas ameaçou e criticou os comícios da oposição, como o de Goiânia, que reuniu 400 mil pessoas aplaudindo Tancredo Neves:

— O presidente Figueiredo, seu governo e o PDS já impediram o povo de jogar na sucessão, porque não admitiram as diretas. Agora, o presidente quer impedir o povo até de torcer... (deputado **João Gilberto**, PMDB-RS).

— O discurso serviu para ratificar o compromisso do chefe da Nação de dar posse ao candidato eleito pelo Colégio. Foi feito dentro de um clima de total normalidade, já que o seu papel é o de trazer de volta a normalidade democrática, mesmo que isso acarrete sacrifícios de amigos, da família e da própria saúde (brigadeiro **Délio Jardim de Mattos**, ministro da Aeronáutica).

— Se houve excessos, esses serão corrigidos pelo dr. Tancredo Neves, que deseja uma campanha de alto nível. Ele dará um jeito nisso (governador **Hélio Garcia**, de Minas Gerais).

— As críticas formuladas pelo presidente Figueiredo resultam de informações não exatas, levadas a ele por pessoas interessadas na outra candidatura. O comício de Goiânia foi uma grande festa democrática, onde tudo transcorreu na mais absoluta ordem, não havendo qualquer tipo de radicalização (senador **José Sarney**, vice na chapa de Tancredo Neves).

— O presidente se transformou em porta-voz e em pau-mandado dos ministros militares, que lhe impuseram condições para a sucessão presidencial. Querem montar um filme de terror (senador **Fábio Lucena**, PMDB-AM).

— Cerco ao Congresso com medidas de emergência não é pressão; pressão é o povo

ordeiro em praça pública. Mordada à imprensa para não transmitir sessão do Congresso não é pressão; pressão é o povo na praça apoiando Tancredo Neves. Nota de ministros militares não é pressão; pressão é o povo na praça cantando o Hino Nacional (deputado **Walmor Giavarina**, PMDB-PR).

— Eu não acho nada. Eu acompanho o presidente. Ele disse, eu ouvi e estou de acordo (ministro **Jarbas Passarinho**, da Previdência).

— O discurso não vai atrapalhar-nos. Nosso comício de 13 de outubro será uma grande festa, uma amostra real de que o Amazonas pode apoiar, pela presença de seu povo em praça pública, o candidato Tancredo Neves (vice-governador **Manoel Ribeiro**, do Amazonas).

— Ele fez declarações até certo ponto contraditórias. Primeiro, disse que é totalmente favorável à democracia, e eu concordo. Depois, disse que o uso da máquina oficial é negativo, e eu também concordo. Acho que estava fazendo uma admoestação ao Ministério dele porque o uso abusivo, a tentativa de uso abusivo da máquina administrativa feita pelo deputado Paulo Maluf, causou péssima impressão (senador **Fernando Henrique Cardoso**, PMDB-SP).

— O general Figueiredo não tem consciência do que é ser chefe de uma Nação. Ele está chegando ao fim do mandato sem saber o que é governo, democracia, liberdade, manifestação popular. É um governo autocrático, corporativista, um governo de si próprio, ditatorial. O general Figueiredo está confuso, à deriva da Nação, e isso é preocupante (deputado **Aldo Pinto**, PDT-RS).

— Por mim, até gostaria que ele falasse todos os dias. Pior é não falar, porque aí começam os boatos, começam os rumores. Isso não quer dizer que eu concorde com o que ele fala (governador **Leonel Brizola**).



F. Henrique

A. Ermírio

— O que eu vi foi o presidente falando a dupla linguagem do personagem de George Orwell: para ele, manifestação do povo é coação; cerco ao Congresso por tropas militares é preservação da liberdade. Orwell tinha razão: chegamos a 1984 (deputado **José Fogaça**, PMDB-RS).

— O discurso do presidente João Figueiredo foi intervenção oportuna. Ele reafirmou compromisso com seu projeto democrático e com o povo. Não quer que se crie um clima contrário à realização de seus objetivos. O presidente não deseja que os comícios descambem para extremismos e ataques às autoridades constituídas e às instituições políticas (deputado **Nelson Marchezan**, líder do governo).

— Não se pode dar apoio ético a quem é a-ético. Também não me parece existir

qualquer periculosidade em torno dos partidos clandestinos. O que há é falta de visão política quanto às vantagens da liberdade partidária. Em Portugal e Espanha, ela permitiu a separação entre o comunismo e o terrorismo. Quem assistiu ao comício de Goiânia viu que ele transcorreu pacificamente, não sendo cabíveis advertências. A diferença é que o nosso comício foi prestigiado pela maioria esmagadora da população e no deles não teve ninguém (senador **Jorge Bornhausen**, Frente Liberal).

— Eu concordo com o presidente quando ele fala de radicalismo. Sou contra o radicalismo. Esta é uma das razões pelas quais eu não endosso o candidato do PDS, com medo de um radicalismo total. O presidente da República agiu como presidente do PDS. Se os homens da oposição quiserem levar a situação a bom termo, devem tranquilizar-se um pouco mais (**Antonio Ermírio de Moraes**, empresário).

— O governo parece estar procurando pretexto contra os comícios, pois seu candidato não ousaria ir às praças públicas buscar o apoio da sociedade. Em 73, como anticandidato, fiz centenas de comícios e o governo não proibiu. Talvez porque sabia que a oposição não podia ganhar, o que não acontece agora (**Ulysses Guimarães**, presidente do PMDB).

— O presidente deixou claro que nem por dever de ofício está digerindo o candidato do PDS (deputado **Cardoso Alves**, PMDB-SP).

— O presidente Figueiredo falou na condição de vencido, certo de que a oposição vai ganhar nas regras feitas pelo governo para se beneficiar (deputado **Jarbas Vasconcelos**, PMDB-PE).

— É preciso não esquecer que toda campanha eleitoral se reveste de certa paixão e a atual não é exceção. Mas não há radicalização, a não ser das forças que

apóiam Paulo Maluf (governador **Jáder Barbalho**).

— O discurso foi tranquilizador por um lado, mas desalentador por outro. As diretas-já ficaram mais remotas (governador **Espírião Amin**).

— Estou com o presidente Figueiredo, contra os excessos. Todos nós os condenamos, venham da parte de quem for (governador **Franco Montoro**).

— Não vejo por que Tancredo Neves deva merecer cumprimentos por recomendar que nos comícios não se exibam bandeiras do Partido Comunista. Ainda não chegamos ao ponto de saudar as pessoas porque se mostram dispostas a cumprir a lei (portavoz **Carlos Átila**).

— Basicamente, o discurso do general Figueiredo consiste numa tentativa de amordaçar a Nação (deputado **Alberto Goldman**, PMDB-SP).

— Ele fala em democracia e age como ditador (deputado **Geraldo Siqueira**, PT-SP).

— O nosso candidato não é e nunca foi um radical. Radicalismo é tentar envolver as Forças Armadas no processo sucessório. Elas, como instituição, merecem todo o respeito e devem ater-se apenas à sua função constitucional (ex-governador **Ney Braga**, Frente Liberal).

— Leviano é o menor qualificativo que se pode atribuir a um presidente que propositadamente se esquece de que ele e sua máquina administrativa fazem pressões em favor de seu candidato (deputado **Iram Saraiva**, PMDB-GO).

— As bandeiras vermelhas não estão ameaçando a ordem. Ao contrário, estão pedindo um lugar na ordem (senador **Fernando Henrique Cardoso**).

— Não acredito que o comício de Goiânia, assim como os comícios deles em Porto Velho e Cuiabá, tenham sido financiados pelos governos estaduais (senador **Jorge Bornhausen**).